

Feirantes de Goiás invadem o DF

JULIANA CÉZAR NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

Elas chegaram de mansinho, com sorrisos e agradecimentos, vendendo produtos baratos para comerciantes e feirantes do Distrito Federal interessados em revender roupas, calçados e bolsas *made in Goiânia*. Para os brasilienses, o negócio era bom. Além de economizar na compra da mercadoria e conseguir lucros maiores, deixavam de arcar com os custos de uma viagem para outro estado. Foram cinco anos de boas vendas.

A paz acabou do final do ano passado pra cá. Embalados pelas festas de fim de ano, os parceiros de atacado resolveram virar concorrentes no mercado de varejo. Agora, alugam vans ou ônibus na capital goiana e viajam em comitiva para Brasília. A migração acontece quase todos os dias de semana. Espaços para expor o produto ao lado dos contêrreiros não faltam. BSB Mix, no Gilberto Salomão, Feira do Sol e da Lua, no Ginásio Nilson Nelson, Clube Flamboyant, no Gama, Feira Permanente e da Guariroba, na Ceilândia.

A quarta-feira é o melhor dia de venda para os migrantes. Em esquema de cooperativa, eles alugaram sete galpões na QI 17 de Taguatinga, pagando uma taxa de ocupação média de R\$ 40. Transformaram o local na *Rua dos Goianos*. Em cada galpão, estão montadas cerca de 200 barracas. Todas lotadas das 8h às 19h. A maior parte dos comerciantes vende produtos de fabricação própria. Roupas infantis a R\$ 2, calça jeans feminina a R\$ 15, casacos a R\$ 20 e botas a R\$ 40.

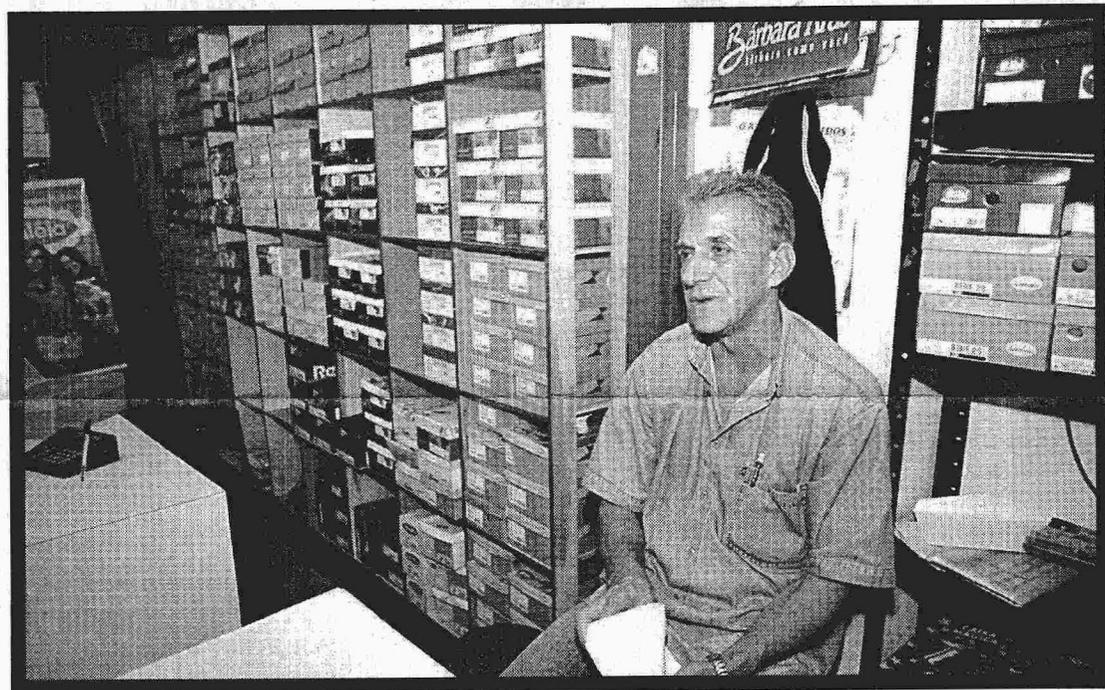
Os preços baixos atraem cerca de 10 mil compradores por dia. A vendedora de roupas femininas, Isaura Moraes, 42 anos, volta para Goiás com R\$ 2,5 mil a cada quarta-feira. Com a pochete de couro cheia de dinheiro, ela se orgulha de vender os produtos que fabrica, sem precisar montar uma loja ou contratar muitos funcionários. "Pago a taxa de ocupação e pronto. Vendo bastante", comemora Isaura, sentada na mesinha que ocupa metade do espaço da banca, onde as roupas ficam penduradas em prateleiras e grades.

Tanta facilidade para ganhar dinheiro prejudica os comerciantes e feirantes de Brasília. Pelos cálculos do Sindicato dos Feirantes do Distrito Federal, 70% dos vendedores das 61 feiras espalhadas no DF estão endividados por causa da diminuição no volume de vendas. "São 19 mil brasilienses que pagam R\$ 400 por mês de impostos, taxa de fiscalização e manutensão. Mas, por causa da concorrência desleal, já não conseguem sustentar os negócios e a família", alerta Marques Célio Almeida, diretor do sindicato.

Fotos: Carlos Moura



A RUA DOS GOIANOS, EM TAGUATINGA, REÚNE 1.400 AMBULANTES DO ESTADO VIZINHO: EM APENAS UM DIA DE TRABALHO, FEIRANTE PODE GANHAR ATÉ R\$ 2,5 MIL



FAUSTO ROCHA, VENDEDOR DE SAPATOS DO MERCADO NORTE, ATINGIDO PELA CONCORRÊNCIA: "VOU TER DE FECHAR A LOJA"

Estoque cheio

A vendedora de roupas femininas, Filomena Alves, 48 anos, está há 20 anos na Feira da Ceilândia Centro e nunca havia passado por uma crise tão séria como a de agora. Mãe de dois adolescentes, ela perdeu 90% dos clientes com a instalação dos galpões goianos. Endividada, só consegue vender R\$ 300 por semana. "Sempre comprei produtos em outros estados para vender aqui. Agora, como o movimento está baixo, não tenho dinheiro pra viajar e sou obrigada a ir nas bancas goianas de Taguatinga comprar o produto", indigna-se Filomena.

Os comerciantes instalados em regiões próximas aos galpões

também estão à beira da falência. Fausto Rocha, 57 anos, tenta a muito custo manter aberta uma loja de calçados no Mercado Norte, em Taguatinga. O centro comercial fica a 100 metros da Feira dos Goianos. Tanta proximidade, fez o faturamento de Fausto cair em 80%. Dos oito funcionários, restou apenas 1. "Meu estoque está tão cheio que já penso em vender tudo a preço de custo para me livrar dele", conta o comerciante, instalado há 30 anos no mesmo ponto. "Se esses goianos não forem embora, vou ter que fechar a loja."

Para evitar que isso também aconteça, o comerciante Anderson Clei Silva, 34 anos, resolveu

buscar um diferencial. Em vez de vender roupas infantis baratas, de marcas desconhecidas, ele agora investe na revenda de artigos de qualidade, importadas de lojas renomadas de São Paulo e Rio Grande do Sul. "Mesmo assim, perdi metade dos meus clientes que só têm condições de comprar roupas mais baratas", contabiliza Anderson. "Não temos estrutura para concorrer com os goianos."

FEIRA DE FORA SEM ALVARÁ

As reclamações dos comerciantes brasilienses chegaram à Secretaria de Fiscalização de Atividades Urbanas do Distrito Federal. Em reunião com os administradores regionais, o secretário Vatanábio Brandão pediu que nenhum alvará para instalação de feiras itinerantes seja dado a partir desta semana. "Elas não pagam impostos, não emitem nota fiscal e não contratam funcionários da cidade", reconhece Brandão. Os mercados itinerantes de automóveis e móveis também serão revistos. O deputado Pedro Passos (PTB), prepara uma revisão na lei que regulamenta a criação das feiras no DF. "Os feirantes de fora montam comércio permanente com base em lei criada para atrair exposições anuais de produtos diferenciados, como a Festa dos Estados e a ExpoTchê", explica Passos.